

# homenagens

ESPECIAL - O IMPARCIAL QUARTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1999



BANDEIRA TRIBUZI  
Lançamento a São Luís

## ...LUAR DAS SERESTAS E O AZUL DOS TEUS DIAS...

### Canto à cidade amada

Antônio Nelson Faria\*

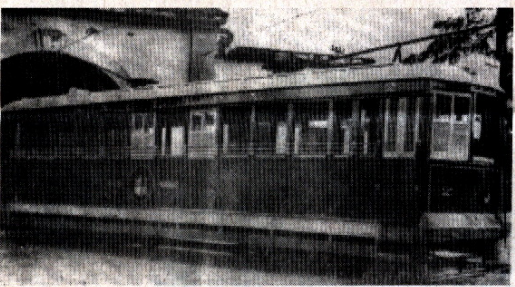
A cidade amanheceu sorrindo. Exalando seu perfume nas ladeiras, becos e casarões. Espumando o sabor de alecrim nas suas praças e vielas. Curtindo a ressaca do pótre de felicidade, da notitada festiva nas suas formosas quitandas e botequins. Abençoando todas as casas que a cercam, enfeitadas e enfeitçadas, pelo seu sublime afeto. Altvá. Gritando, das janelas, dos mirantes o canto sublime da sagração como encanto do mundo.

Ah, Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardiere - a quem um desinformado repórter denominou de pirata, quando na verdade, nosso augusto senhor era um bom e autêntico Corsário - pena vossa excelência não estar presente, na festa da nossa Ilha, para estourar o chãmpãñhe e comemorar com a gente. O senhor que deu-lhe a forma esbelta, o traçado vigoroso e a brejeirice, capazes de gerar a loucura e levar à sedução geral e irrestrita. Do alto do seu Forte, com sotaque franco-são-luísense, nosso grande fidalgo poderia comandar a solenidade e dizer, em alto e bom tom: "La città de Saint Louis est très exotique pra pilulas".

Dos holandeses que desembarcaram nas tuas terras, sob a batuta de Pieter Boas e seu exército, só resta a lembrança do tremendo banho de cuia que levaram na batalha do Outeiro da Cruz. Desses pretensos conquistadores, sobrou apenas a preferência pela cerveja, trazida de terras distantes, para deliciar os teus habitantes. Ainda bem! Dos nossos portugueses, índios e negros recebetes - a herança maior que te deu vida e um soberbo e vasto acervo cultural, arquitetônico e humano.

E nesta tua nova vida, diretamente dos estúdios da Rádio Timbira, na Magalhães de Almeida, o Jornal Falado, na locução de Durval Paraíso, transmitiria nas ondas médias e curtas, para o Maranhão e o mundo, a tua sagração. Pelo cabo submarino, chegaria o telegrama da Western consagrando teu feito. Nos bondes da SAEITPÁ, circulariam a senha especial, cor de jerimum, com tua esfinge de patrimônio da humanidade. Das formalhas da ULLEN ouvirias a saudação pela conquistista honrosa. Bem de lá do Canto da Fabril, a Fábrica Santa Isabel, portentosa, soaria seu apito para avisar a todos da festa. E os rebocadores da Booth Lines, escreveriam com a fumaça das suas chaminés, teu formoso nome na baía de São Marcos.

Maroca, na Rua da Palma, Perpétua, no Tirirical, Ziloca, no Cavaco, Honorina, da Elite, Mercedes, da Monte Carlo e outras grandes madames e donas de cabarés fariam escaldantes "mocotós-dançante" exibindo suas esplendorosas raparigas vestidas de tafetá, lunhas encarnadas e ligas de meia, especialmente para comemorar teu evento. O festeiro Moisés, o sábio dos dez mandamentos do carnaval, programaria magnífico baile de máscaras, para expandir teu júbilo. Nas casas de família seriam fartamente servidos Ron Merino com Cola-Cola, daquela pequenina, e vodka com Citrusuco, e quem sabe, um pouquinho de rodó para animar e perfumar o salão.



A orquestra do "sorvete-dançante", do Hotel Central, com Lauro Leite-pai-, Zê Metério, Roque, Vidal, Chaminé, seu Cunha e Mundico Pretinho no violão, tocariam em sessão especial os boleros de Benvenindo Gandra. No Moto Bar, os boêmios de plantão tomariam cerveja Portuguesa, e cachaça Aliança acompanhada de água mineral Hidrolitol, mastigando tira-gosto de fiambre. No Narciso, o burburinho infernal era especialmente para falar bem de ti. E pelos lados do Abrigo Velho, perto da farmácia Sanitária, na Sertan, tu verias a primeira ruptura a tua cultuada culinária, com a introdução da pizza, substituindo o pão-cheio, na merenda nossa de cada dia.

Na Fonte Maravilhosa, novo elixir seria lançado grafoado com teu nome no vidro. Na Padaria Cristal o saco de embalar pão teria teu retrato. No Foto Londres, estampinhas com teus motivos seriam colocados à venda. Na Praia Grande, todos, desde Secos & Molhados, Atacado & Varejo, Diversos & Em Geral, até os marreteiros, e arrumadores e estivadores do Armazém Espuma de Náilon, estariam enaltecidos pela tua vitória. No Mercado Grande, Companheiro favoreceria a todos com farta porção de cachorro-quente, no capricho, acompanhado pelo mingau-de-milho do Raimundo.

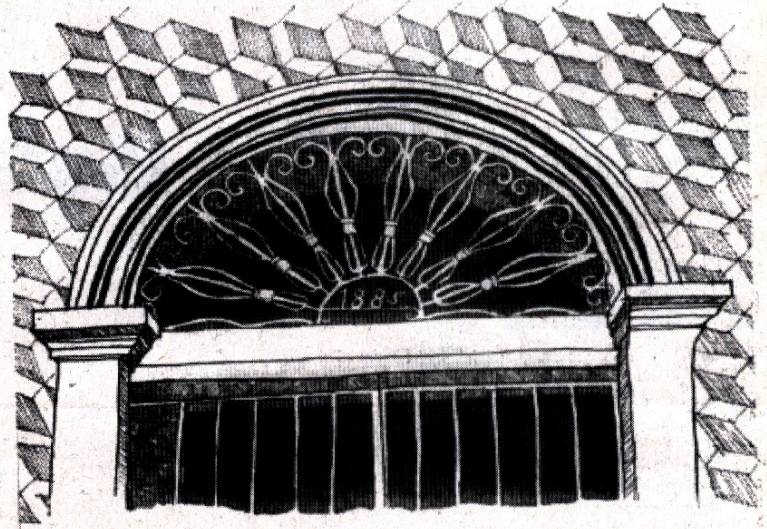
Os verdureiros adormariam seus burrinhos com bandeirolas coloridas para vender mais João-gome, maxixe e vinagreira. Os sorveteiros, vendedores de pamonha e quebra-queixo circulariam soltando trovinhas com teus temas para vender seus produtos. O raspado teria o sabor dos teus encantos, disposto a esfriar o sol escaldante das tuas tardes. As casinhas de melancia, na Beira Mar, neste dia não seriam sacudidas pelo vento trazido na trilha do bonde da Estrada de Ferro.

No Caminho da Boiada, no Goiabal, no Areal, no Buraco-Quente, no Caminho Grande, no Canto da Viração, no Beco da Bosta, no Galpão, no Beco do Sino, nas travessas e ruelas, todos estariam te festejando. No Cavaco, no Matadouro, na Jordoa, na Forquilha e na Maioba a alvorada pertenceria a ti. Com fátia parida, manué, juçara, pitomba, cajazinho e bolo podre. Quitutes que tão sabiamente transportastes de mãe para filha, enchendo de alma os corações culinários dos teus habitantes.

Que coisa mais linda é poder ter saindo das tuas entranhas. Precisamente na Rua de Santana, onde pela primeira vez, meus olhos avistaram um ônibus Zepelin, réplica do balão alemão, construído nas oficinas de Walter Fontoura. Aqui tudo é belo e farto de prazer e sabeldoria. E, muito melhor ainda, é que, a partir de agora, vou poder seguir mundo afora, sabendo que esta minha cidade, que me ensinou toda sua poesia, é faceira, garbosa, cobiçada e tão bem querida e amada, além fronteiras.

Antônio Nelson Faria é publicitário, jornalista e apaixonado por São Luís.

Artigo publicado em O Imparcial na edição de 16 de dezembro de 1997, logo após São Luís ser contemplada com o título de Patrimônio Mundial.



### São Luís Patrimônio da Humanidade

CARLOS DE LIMA\*

"Terra enfeitada e rica", envolta em mistério, assim é São Luís do Maranhão, graciosa e mágica. Evola de suas ruas um fluído, um encantamento, um visgo, que atrai, fascina, conquista e subjuga. Provinciana e acanhada, é filha de dois manos rios, pais cimentados, que eternamente lhe cantam uma canção de ninar.

Nasceu de um sonho - a França Equinocial - e seu primeiro donatário foi um intelectual - João de Barros. Fez-se terra de poetas e romancistas. E se "dos franceses, salvo algum filho perdido em ventre índia, nada lhe ficou", deulhe Portugal toda a fisionomia coimbrã que lhe alicerçou a cultura.

Talvez em nenhum outro lugar se tenham amalgamado tanto e melhor, de modo mais peculiar, as três raças formadoras de nosso povo, quanto no Maranhão se hajam casado o espírito empreendedor do europeu, a boa fé do índio e a alma generosa do africano.

História e lenda se harmonizam para criar um clima de poesia, lembranças de além-mar, os sons soturnos de tambores de rituais milenares, tudo permeado por uma alegria festiva e contagiante.

Quem percorre as ruas tortuosas, ladeiras e becos, respira outro ar, goza de uma doce calma, revê nos sobrados de grades e azulejos paisagens de an-

tanho, escuta a fala mansa do povo, sem a cantoria monótona do nordeste ou o irritante chiado do nortista. A brisa sopra fresca e agradável, a luz deslumbra sem ofuscar, a areia das praias é deliciosamente refinada, o céu de azul suave; nas grandes salas dos velhos solares a penumbra convivia à sesta modorrenta, e quando o inverno chega com as chuvas torrenciais de dia inteiro, como é bom cochilar ao balanço da rede branca de São Bento, cheirando a patchuli e manjerição, macia como bunda de anjo, larga como salão claustro, a água cantante a percorrer dos beirais, música divina, sono angelical... Para que pressa? O mundo não vai se acabar... e se acabar, que se leve ao menos este gozo de paraíso, nesta antessala do céu!

Aqui, no largo do Palácio, nasceu a cidade, do forte francês e sob as bênçãos da cruz. Cada lugar guarda uma lembrança - o Colégio dos Jesuítas, a Casa da Câmara, o Recolhimento de Moças... a rebeldia de Bequimão. Na Fonte do Ribeirão dorme a cobra grande e alta noite ainda se escuta o barulho das rodas da carruagem de Ana Jansen, em eterna penitência.

Ali, ao pé da igreja do Carmo, morreu Muniz Barreiros combatendo o invasor batavo e nas naveas de Santo Antônio ainda ressoa a voz de Vieira a pregar aos peixes: "A primeira cousa que me desedifica, peixes, em vós, é que vos comeis uns aos outros... Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário era menos mal. Se os pequenos co-

meram os grandes, bastará um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande".

E, chamando o olhar dos peixes para a cidade, continua: "Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quitação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando homens como hão de comer e como se hão de comer".

Nas noites calmas os tantãs chamam os voduns, os ferros marcam o ritmo das danças nas casas de Mina e Nagôs. E quando junho se faz, o Bumba-meu-boi traz para os arraiais a festa mais bonita do mundo, na sarabanda de cores, de passos, de sons, de alegria de gente, rica, pobre, remediada, nessa confraternização espontânea e feliz.

Por toda esta tradição que ela cultura, tão espontaneamente manifesta, por toda essa mistura de sentimento e prazer, São Luís é, com toda a justiça, Patrimônio da Humanidade - cidade de magia e encantamento - São Luís do Maranhão - que "por divisa tens a glória, por nune, nossos avós".

Carlos Lima é historiador, folclorista e autor de diversos livros sobre a história, festejos, lendas e tradições de São Luís e do Maranhão.

Artigo publicado em O Imparcial, na edição de 16 de dezembro de 1997, logo após São Luís ser contemplada com o título de Patrimônio Mundial.